

PENSAMENTO LENTO, UM MANIFESTO¹

Vincenzo Di Nicola²

(Tradução para o português de Patrícia Manozzo Colossi³)

RESUMO

Este ensaio filosófico apresenta o *Pensamento Lento* como parte do *Movimento Lento* (Honoré, 2004), iniciado na Itália em 1986 com o protesto da Comida Lenta (Petrini, 2004). O autor, psicólogo, psiquiatra e filósofo, propõe sete pilares do Manifesto do *Pensamento Lento*. O *Pensamento Lento* é: (1) *peripatético, dialógico e face a face* (refletindo o trabalho de Sócrates; Bakhtin, 1983; e Levinas, 2000); (2) *seu próprio tempo e lugar*; (3) *sui generis, não orientado para outro* (*vivere vitam* de Agamben); (4) *poroso, aberto* (Benjamin & Lacis, 2007); (5) *brincalhão* (*Homo ludens*; Huizinga, 1955); (6) *um contra-método* (arqueologia filosófica; Agamben, 2009a); e (7) *deliberado, proposital* (advertência filosófica, "Não tenha pressa", Wittgenstein, 1980a). A importância desse manifesto é transmitida por *insights* importantes sobre a natureza do pensamento. Precisamos de uma filosofia do *Pensamento Lento* para facilitar o pensamento em um diálogo mais lúdico e poroso sobre o que significa viver. Nós devemos imaginar o curso da vida de maneira diferente da velocidade ou dos marcos. O *Pensamento Lento* apela à reflexão antes da convicção, à clareza antes da chamada à ação. Os verdadeiros filósofos abrem possibilidades de pensamento e vida, antifilósofos fecham possibilidades.

Palavras-chaves: Pensamento Lento; Dialógico; Porosidade; Brincalhão; Deliberado.

SLOW THOUGHT, A MANIFESTO

ABSTRACT

This philosophical essay introduces *Slow Thought* as part of the *Slow Movement* (Honoré, 2004) which began in Italy in 1986 with the *Slow Food* protest (Petrini, 2004). The author, a psychologist, psychiatrist and philosopher, proposes seven pillars of a *Slow Thought Manifesto*. *Slow Thought* is: (1) *peripatetic, dialogic, and face-to-face* (reflecting the work of Socrates; Bakhtin, 1983; and

¹ Original publicado em inglês (Di Nicola, 2018a).

² Professor de Psiquiatria da *Université de Montréal* e da *George Washington University*. Fundador e presidente da Associação Canadense da Psiquiatria Social (CASP) e presidente eleito da Associação Mundial da Psiquiatria Social (WASP). Psicólogo, Médico Psiquiatra e Filósofo. ✉ vincenzodinicola@gmail.com

³ Psicóloga, Doutora e Mestre em Psicologia, Editora da Revista Universo Psi.

Levinas, 2000); (2) *its own time and place*; (3) *sui generis, not other-oriented* (Agamben's *vivere vitam*); (4) *porous, open* (Benjamin & Lacis, 2007); (5) *playful* (*Homo ludens*; Huizinga, 1955); (6) *a counter-method* (philosophical archaeology; Agamben, 2009a); and (7) *deliberate, purposeful* (the philosophical admonition, "Take your time," Wittgenstein, 1980a). The import of this manifesto is conveyed through key insights about the nature of thought. We need a philosophy of *Slow Thought* to ease thinking into a more playful and porous dialogue about what it means to live. We must imagine the course of life differently than through speed or milestones. *Slow Thought* appeals to reflection before conviction, clarity before a call to action. True philosophers open possibilities of thought and life, anti-philosophers close possibilities.

Keywords: Slow Thought; Dialogic; Porosity; Playful; Deliberate.

Precisamos de uma filosofia do Pensamento Lento para facilitar o pensamento em um diálogo mais lúdico e poroso sobre o que significa viver

Em 1986, um restaurante McDonald's foi aberto aos pés da Escadaria Espanhola, na Piazza di Spagna, a praça mais famosa de Roma. A invasão de *fast-food* americano barato no coração de Roma causou êxtase. Um manifestante, Carlo Petrini (2004) – um jornalista italiano de esquerda, iniciou um movimento chamado *Slow Food* (Comida Lenta, em livre tradução). Petrini enfatizou os produtos cultivados localmente, a biodiversidade e, acima de tudo, o prazer do autêntico sabor italiano. No final dos anos 1990, a ideia se transformou em *Cittaslow*, ou *Slow Cities* (Cidades Lentas, em tradução livre), parte de um meme cultural mais amplo chamado *Slow Movement* (ou *Movimento Lento*) (Honoré, 2004). O filósofo norueguês, Guttorm Fløistad (2020), compreendeu a ideia do *Movimento Lento* quando escreveu:

A única coisa certa é que tudo muda. A taxa de mudança aumenta. Se você quiser segurar, é melhor acelerar. Essa é a mensagem de hoje. No entanto, pode ser útil lembrar a todos que nossas necessidades básicas nunca mudam. A necessidade de ser visto e apreciado é a necessidade de pertencer. A necessidade de proximidade e cuidado, e de um pouco de amor! Isso é dado apenas pela lentidão nas relações humanas. Para dominar as mudanças, precisamos recuperar a lentidão, a reflexão e o estar junto, a união. Lá encontraremos uma verdadeira renovação.

Ao defender a lentidão nas relações humanas, o *Movimento Lento* parece conservador, ao mesmo tempo que apela construtivamente à valorização das culturas locais, seja na alimentação e na agricultura, seja na preservação de ritmos biológicos mais lentos contra o ritmo cada vez mais rápido, digital e mecanicamente medido da sociedade tecnocrática que Neil Postman (1992), chamou de *tecnopólio*, onde a taxa de mudança aumenta, e a tecnologia reina. Ainda assim, o *Movimento Lento* é *preservativo ao invés de conservador*, atuando como um contraste contra multinacionais predatórias na indústria de alimentos que prejudicam os artesãos locais da cultura, da agricultura à arquitetura. Em sua fidelidade às nossas necessidades básicas, acima de tudo à necessidade de pertencer localmente, o *Movimento Lento* funda uma espécie de comunidade contemporânea em cada localidade – um convívio, respondendo ao seu tempo e lugar, enquanto se espalha organicamente conforme as comunidades afirmam suas necessidades particulares pelo

pertencimento e pela continuidade contra o ataque da burocracia governamental sem rosto e os interesses multinacionais.

Na tradição do *Movimento Lento*, declaro meu manifesto para o *Slow Thought (Pensamento Lento)*. Este é o primeiro passo em direção à *psiquiatria do evento*, baseado na noção central do evento do filósofo francês Alain Badiou, uma nova base para a ontologia – como pensamos em ser ou na existência (Badiou & Tarby, 2013). Um evento é uma pausa imprevisível em nosso mundo cotidiano, que abre novas possibilidades. As três condições para um evento são: que algo aconteça conosco (por puro acidente, sem destino, sem determinismo); que nomeemos o que acontece; e que permaneçamos fiéis a ele. Na filosofia de Badiou, tornamo-nos sujeitos a partir do evento. Ao nomear e manter a fidelidade ao evento, o sujeito emerge como sujeito à sua verdade. “Ser-aí” (*Dasein* em alemão), como diria a filosofia fenomenológica, não é suficiente. Minha proposta de “*psiquiatria do evento*” descreverá como ficamos presos em nossos mundos cotidianos e o que possibilita mudanças e coisas novas para nós (Di Nicola, 2017a, 2017b).

Depois de trabalhar metodicamente com o significado do evento, desejo esclarecer e iluminar o *Slow Thought (Pensamento Lento)* por meio de sete princípios:

1. O Pensamento Lento é marcado por caminhadas socráticas peripatéticas, o encontro face a face de Levinas e as conversas dialógicas de Bakhtin

Esses três filósofos compartilham uma abordagem metódica, deliberada, e até quase demorada para trabalhar em quebra-cabeças filosóficos. Sócrates passava seu tempo andando pelas praças públicas da antiga Atenas, engajando pessoas em conversas improvisadas com perguntas surpreendentemente simples. Mais perto de nossos tempos, Emmanuel Levinas (2000), um judeu lituano que sobreviveu ao holocausto na França, insistiu que ser humano é um encontro face a face, em que a ética de como nos tratamos vem em primeiro lugar e supera todo o resto. O pensador russo Mikhail Bakhtin (1983) analisou a literatura como encontros dialógicos ou relacionais, mesmo em solilóquios ou monólogos internos, em que há sempre um outro implícito que escuta e faz perguntas. Todos os três filósofos compartilham o pensamento como uma atividade relacional – desacelerada, andando pela praça pública e em um diálogo face a face.

2. O Pensamento Lento cria seu próprio tempo e lugar

O *Pensamento Lento* existe além das fronteiras geopolíticas (“pensar sem fronteiras”, para parafrasear outro movimento) e resiste ao oportuno, definido como “contemporâneo” ou “moderno” (Agamben, 2009). Recusando as restrições de tempo dos curtos textos da mídia em 30 segundos e o ciclo de notícias de 24 horas, o *pensamento lento* é assíncrono. Isso significa que não é sequencial no tempo, mas estruturado pela lógica lenta do pensamento. Na exegese talmúdica judaica, ou interpretação de textos sagrados, *pilpul* descreve um método de diálogo de perguntas e respostas no qual uma resposta pode aparecer na antiga Babilônia para uma questão ética formulada mais tarde e em outros lugares, na Espanha dos mouros e dos judeus sefarditas. *Pilpul* é dialogicamente estruturado pelos cânones do debate filosófico, e não pela cronologia histórica ou pelos movimentos de passagem do vulgar e do vernáculo.

Essa ideia é confirmada em uma história que contei em *Letters to a Young Therapist (Cartas para um Jovem Terapeuta; Di Nicola, 2011)* sobre meu mentor na faculdade de medicina, Joel Elkes, que se encontrou com seu mentor de filosofia da Lituânia, cerca de 40 anos depois, em Jerusalém. Olhando momentaneamente a partir de sua leitura, o estudioso cumprimentou seu

antigo aluno depois do Holocausto, da fundação de Israel e de muitas guerras: “*Oh, Joel, estou lendo Platão, você gostaria de se juntar a mim?*” (Di Nicola, 2011, p.38). Como *pilpul* e o diálogo relacional, o *Pensamento Lento* tem vida própria.

Nós devemos imaginar o curso da vida de maneira diferente da velocidade ou dos marcos

3. O *Pensamento Lento* não tem outro objeto além de si mesmo

O *Pensamento Lento* imita uma visão da vida que corremos o risco de perder na corrida precipitada para um futuro evanescente de um presente impreciso e inseguro, cuja principal característica é a velocidade. Pensar, assim como a vida, nunca está completo, é uma possibilidade que nunca se esgota, como Giorgio Agamben (1996) escreveu em uma redação sobre a filosofia da infância:

Os latinos tinham uma expressão singular, *vivere vitam*, que foi repassada para as línguas modernas do romance como *vivre sa vie*, *vivere la propria vita* (viva a própria vida). A força transitiva completa do verbo “*vivere*” deve ser restaurada aqui; uma força, no entanto, que não assume um objeto (esse é o paradoxo!), mas, por assim dizer, não tem outro objeto além da própria vida. A vida aqui é uma possibilidade, uma potencialidade que nunca se esgota em fatos e eventos biográficos, uma vez que não tem outro objeto além de si mesma. É uma imanência absoluta que, no entanto, move-se e vive.

Não é por acaso que Agamben elaborou a noção de viver a vida em uma redação sobre a infância, pois isso é crítico em nossa visão das crianças e desafia o que chamo de pensamento desenvolvimental. Devemos desafiar a noção de desenvolvimento em todas as fases da vida e imaginar o curso da vida de maneira diferente da velocidade ou dos marcos da vida.

Como leitor de Michel Foucault, Agamben nos oferece a vida reflexiva como cuidado de si, um tema que ironicamente assombra os escritos posteriores de Foucault, quando ele encarava sua própria morte devido à AIDS. *Vivere vitam*, vivendo a própria vida, ressoa profundamente com a autobiografia de Gabriel García Márquez *Vivir para contarla* em 2002, traduzido para o português por Eric Nepomuceno como *Viver para contar* (García Márquez, 2003).

García Márquez também escreveu enquanto vivia com uma doença potencialmente fatal. É verdade que, em seu título, viver tem uma força transitiva incorporada no objetivo de escrever, mas escrever é o modo de viver uma vida de García Márquez, sua prática focal, que podemos dizer que é seu modo de pensar. Em 2009, em resposta a alegações de que ele havia parado de escrever, ele respondeu: “*Não é apenas verdade, mas a única coisa que faço é escrever*” (Flood, 2009). O *Pensamento Lento*, como o latino *vivere vitam*, não tem objeto, mas, como a vida por si própria, está incorporado em práticas focais que nos permitem viver mais plenamente em um presente atemporal, livre do fardo de um passado imperfeito ou da promessa fútil de um futuro redentor.

4. O *Pensamento Lento* é poroso

Em sua memorável redação sobre Nápoles, coescrita em 1925 com Asja Lacis, Walter Benjamin descreveu a cidade como porosa:

O carimbo do definitivo é evitado. Nenhuma situação parece intencionada para sempre, nenhuma figura afirma “assim e não de outra forma”. [...] mal se pode discernir onde a construção ainda está em andamento e onde a dilapidação já se instalou. Pois nada está concluído. *A porosidade resulta [...] da paixão pela improvisação*, que exige que espaço e oportunidade sejam preservados a qualquer preço (Benjamin & Lacis, 2007, p. 166, ênfase adicionada).

Se imaginarmos a cultura de Nápoles como um *aparato* (no sentido de Foucault, de uma ferramenta para estruturar a sociedade), a porosidade proposta por Benjamin é seu nome para esse aparato, pela maneira como ele a observa e pelo princípio organizador que liga suas observações a um ato comunicativo (a redação sobre Nápoles/porosidade): “A porosidade é a lei inescotável da vida desta cidade, reaparecendo em todos os lugares. Um grão de domingo está oculto em cada dia da semana e quanto dia da semana neste domingo!” (Benjamin & Lacis, 2007, p. 168).

O *Pensamento Lento* é um modo de pensar poroso que não é categórico, aberto à contingência, permitindo que as pessoas se adaptem espontaneamente às exigências e vicissitudes da vida. Os italianos têm um nome para isso: *arrangiarsi* – mais do que “fazer” ou “sobreviver”, é a arte da improvisação, uma maneira de usar os recursos disponíveis para criar soluções (Perin & Sturino, 1989). A porosidade do *pensamento lento* abre caminho para possíveis respostas às dificuldades humanas.

5. O *Pensamento Lento* é brincalhão

Isso significa, acima de tudo, que as regras podem ser violadas com um pensamento sério. O *Pensamento Lento* joga fora o livro de regras. Como Erasmus, citado por Johan Huizinga (1955) em seu magistral estudo *Homo Ludens*, disse: “Na minha opinião, é totalmente desnecessário agir nas escolas, quando você joga cartas ou dados, onde qualquer violação das regras estraga o jogo. Em uma discussão aprendida, no entanto, não deve haver nada de escandaloso ou arriscado em apresentar uma ideia nova”.

Isso ecoa perfeitamente na filosofia de Badiou, do evento que explica a novação – a entrada de coisas novas no mundo. Em seu *Segundo Manifesto de Filosofia*, Badiou (2011) afirma categoricamente que: “A filosofia não é nada senão imprudente”. Na sua imprudência divertida, o *Pensamento Lento* não está vinculado. Nem o tempo nem a tradição podem encurralá-lo. A brincadeira ou tolerância ao *Pensamento Lento* significa não apenas que as regras serão quebradas, mas que é possível uma ruptura no pensamento. Essa ruptura é uma recusa em aceitar o que Milan Kundera (1988, p. 142) chama de “o não pensamento das ideias recebidas”.

Huizinga chama a peça de teatro de “um intermezzo, um interlúdio em nossas vidas cotidianas” (Huizinga, 1955, p. 9), um adorável jogo de palavras, vendo a brincadeira como a atividade entre atos de uma peça ou uma ópera, “distinta da vida comum” (p. 9), “saindo da realidade comum em uma ordem superior” (p. 13). Brincar cria descontinuidade em nossas vidas. Por ser brincalhão, o *pensamento lento* não se opõe à seriedade, mas cria seu próprio senso. Como a brincadeira de crianças, o *pensamento lento* é voluntário, não tem tarefa e pode ser adiado ou suspenso a qualquer momento. O jogo cria seu próprio tempo, regras e senso de ordem, servindo de modelo para o pensamento lento. E como o jogo, o *Pensamento Lento* está conectado à loucura, mas não é tolice. O jogo, no estudo de Huizinga, não tem função biológica ou moral – não é uma necessidade física

nem um dever moral. Nenhum interesse material é acumulado no jogo e “nenhum lucro pode ser obtido com ele” (Huizinga, 1995, p. 13).

***O Pensamento Lento apela à reflexão antes da convicção,
à clareza antes da chamada à ação***

Assim como a brincadeira ajuda a criança a construir um senso de si (Winnicott, 1971), a brincadeira cria sua própria comunidade, à parte do mundo comum, por disfarce ou por outros meios. Há algo mascarado, disfarçado, nem evidente nem óbvio no jogo. Mais uma vez, embora não seja sério ou lógico, o jogo cria suas próprias regras, ordem e lógica. O *Pensamento Lento* visa a compreender, desmascarar e decodificar as regras (Strauss, 1952), a ordem e a lógica do jogo (Huizinga, 1955, p. 156).

Há uma “semelhança familiar” (Wittgenstein, 1953, §67, p. 32) do *Pensamento Lento* com outros gestos na história do pensamento. O romance inglês *Tristram Shandy* (1759-67) de Laurence Sterne conta uma história com muitas digressões e diversões deliberadas, sempre com um propósito satírico. Em um célebre soneto, o poeta inglês do século XVII, John Milton, afirmou: “Eles também servem quem apenas ficam na espera”. Em 1913, Edmund Husserl construiu a filosofia fenomenológica baseado sobre a *epoché* (do grego, ἐποχή) – que significa “colocar em parênteses”, uma suspensão de juízo. Levinas refere-se à lassidão e à fadiga como resistência à existência, e à dilatação como “uma impossibilidade de começar ou ... a realização do começo” (Llewelyn, 1995, p. 32). Agamben, filósofo da indistinção e da indiferença, gosta do lacônico de Bartleby, o escrivão: “Eu preferiria não fazer”. Jacques Lacan fala de *la lettre en souffrance*, “a carta em espera”, em seu seminário sobre “The Purloined Letter” (A Carta Roubada, em livre tradução) de Edgar Allan Poe (1844) – uma carta que eventualmente chega ao seu destino, apesar de seu deslocamento. Jacques Derrida desconstrói o adiamento e o atraso, a tal ponto que, longe de chegar ao seu destino, ele nunca consegue embarcar na jornada, pois há muitos pontos de partida. O *Pensamento Lento* invoca a palavra resistência, não como uma defesa psicanalítica, mas como uma suspensão e um adiamento.

Desde digressão e indiferença, passando por parada e suspensão, adiamento e atraso, hesitação e cansaço, até deslocamento e suspensão, o *Pensamento Lento* já viu muitas iterações de sua piada definidora. O que eles têm em comum é a demora, a espera, o apelo à reflexão antes da convicção, a clareza antes do chamado à ação.

6. O *Pensamento Lento* é um contramétodo, e não um método, para pensar enquanto relaxa, libera e libera o pensamento de suas restrições e do trauma da tradição

Um editorial no *The Irish Times*, exortando a Irlanda a introduzir filosofia nas escolas secundárias, argumenta contra “tentativas de remover o tempo para reflexão”, resumidas perfeitamente pelos “slogans da nossa era techno-consumista” – basta fazê-lo, avançar rápido e quebrar coisas, YOLO (*You only live once*, ou *Você vive apenas uma vez*) –, que nos incentivam a “agir agora, pensar depois” (Grant, 2014). Contra uma “sociedade de consumo que tenta constantemente remover o tempo para reflexão, a filosofia é recomendada como um contrapeso a essa cultura de ação rápida” (Grant, 2014).

O problema da ação rápida é que ela pressupõe uma maneira segura de fazer as coisas e uma uniformidade que, com uma pitada, podemos acelerar. Assim como o *fast food* funciona para algumas refeições e não para outras, devemos permanecer abertos a coisas que levam tempo, tanto

para preservar o que é de valor do passado quanto para criar novas abordagens no presente. A chave aqui é multiplicidade, pluralidade e diversidade, que levam tempo.

Segundo Ludwig Wittgenstein (1953, §133, p. 51): “Não existe *um* método filosófico, embora de fato haja métodos, como diferentes terapias”. O filósofo mais famoso e radical do século 20 não estabeleceu um sistema filosófico porque desejava curar a si mesmo – e a nós – da filosofia. A referência à terapia é importante, pois Wittgenstein comparou o trabalho da filosofia com o da medicina ou da psicologia: “O tratamento de uma pergunta pelo filósofo é como o tratamento de uma doença” (Wittgenstein, 1953, §255, p. 91).

Quando digo que o *Pensamento Lento* é um contramétodo, alinhei-o ao pensamento de Wittgenstein, publicado postumamente em *Comentários sobre a Filosofia da Psicologia* (1980), onde ele conclui: “O que descobrimos na filosofia é trivial; não nos ensina novos fatos, apenas a ciência faz isso. Mas a sinopse adequada dessas trivialidades é enormemente difícil e tem imensa importância. A filosofia é de fato a sinopse das trivialidades” (Wittgenstein, 1980b, p. 26).

Vamos colocar isso em uma perspectiva filosófica maior. No trabalho de Badiou e Richard Rorty, podemos distinguir dois tipos de filósofos. Rorty (1979) os chama de *filósofos sistemáticos e edificantes*, enquanto Badiou (2009) os chama de *filósofos e antifilósofos*.

Os verdadeiros filósofos abrem possibilidades de pensamento e vida. Antifilósofos fecham possibilidades

Filósofos sistemáticos (de acordo com Rorty) e filósofos verdadeiros (de acordo com Badiou) constroem sistemas de pensamento, frequentemente construindo seus próprios materiais ou métodos para o edifício filosófico. Pensadores como Platão e Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino, Giambattista Vico e Giordano Bruno, Thomas Hobbes e John Locke, René Descartes e Baruch Spinoza, Immanuel Kant e Husserl são todos filósofos sistemáticos. Outros abordam questões edificantes (Rorty) ou trabalham para minar os sistemas de pensamento estabelecidos (os antifilósofos de Badiou). Rorty se refere a esses pensadores como “terapêuticos em vez de construtivos”. Os antifilósofos de Badiou incluem São Paulo, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud e seu seguidor Lacan, e Wittgenstein.

Após minhas investigações filosóficas sobre trauma e evento, distingo filósofos sistemáticos e verdadeiros como *filósofos do evento*, abrindo possibilidades – de pensamento e de vida (Di Nicola, 2012, 2018b). Antifilósofos são os *filósofos do trauma e do abismo*, fechando possibilidades. O que eles têm em comum é a ruptura, entendida como *caesura*, descontinuidade ou hiato. Quando a ruptura se torna trauma/abismo, não é necessariamente *trauma clínico*, como é concebido em psiquiatria e psicanálise, mas o *trauma de estudos culturais* que, fiéis à maneira como é entendido na tradição antifilosófica, não são sistemáticos nem construtivos, mas desconstrutivos, e, diferentemente do trauma clínico, esse trauma cultural não requer intervenção de nenhum tipo.

Há outro grupo de pensadores a quem chamo de *metodologistas*. São pensadores que nos oferecem novas ferramentas de pensamento. Eles não se encaixam facilmente nas categorias dicotômicas de *filosofia X antifilosofia* ou *filósofos sistemáticos X edificadores*. Penso em aspectos de Nietzsche, como sua genealogia, como uma metodologia. Enquanto Badiou vê Wittgenstein como um antifilósofo, é claro que Wittgenstein se via como o grande metodologista que evitava um sistema filosófico. E, ao esclarecer os jogos de linguagem, limpava certos pseudoproblemas filosóficos. Sob essa perspectiva, Derrida também é mais bem visto como um metodologista que oferece uma série de *insights* extraordinários sobre idioma, cultura e pensamento, com noções

como *pharmakon*, disseminação e iteração. Foucault e seu maior leitor, Agamben, são metodologistas. Foucault oferece uma série de metodologias – genealogia, arqueologia e problematização. Agamben (2009) aprimorou a arqueologia de Foucault, cuja genealogia ele remonta a Nietzsche e Freud, em uma metodologia refinada que ele chama de *arqueologia filosófica*. Além disso, Foucault oferece suas noções de *dispositif* ou aparelho, bem como sua noção de “cuidado de si” como metodologias para investigação, pensamento e prática (Gutting, 2005).

O *Pensamento Lento* é um *contramétodo* como análogo à antifilosofia. Assim como existem filósofos e antifilósofos, existem métodos e contramétodos. Nesse sentido, podemos agrupar o *Pensamento Lento* como uma filosofia edificante e como uma antifilosofia, a maneira como Nietzsche, Wittgenstein e Derrida examinam as ferramentas e os métodos de pensamento para esclarecer genealogias (Nietzsche), para nos livrar de pseudoproblemas (Wittgenstein) e revelar raízes latentes, desconhecidas e repudiadas, significados e traços de palavras (Derrida).

7. O *Pensamento Lento* é deliberado

Em uma maravilhosa lição filosófica estruturada como uma piada, Wittgenstein (1980a, p. 80) advertiu os filósofos sobre apressar seus pensamentos:

Pergunta: “Como um filósofo se dirige a outro?”

Resposta: “Não tenha pressa”.

Essa também foi a queixa fundamental de Sócrates contra os sofistas de língua de prata. Enquanto os sofistas treinavam os atenienses na retórica para se defenderem eficazmente, Sócrates falava lenta e deliberadamente, até com hesitação, e era incapaz de se defender – em curto prazo – contra as acusações de corromper a juventude de Atenas (Critchley, 2013). A história deu seu próprio julgamento sobre essas acusações.

Referências

Agamben, G. (1996). “Per una filosofia dell’infanzia”, in *Perfetti & Invisibili* (1996), ed. by Franco LaCecla. Milano: Skira Editore, p.233-240.

Agamben, G. (2009a). “Philosophical archaeology,” in *The Signature of All Things: On Method*, trans. by Luca D’Isanto with Kevin Attell. New York, NY: Zone Books, p. 81-111.

Agamben, G. (2009b). “What is the contemporary?” in *What Is an Apparatus? And Other Essays*, trans. by David Kishik and Stefan Pedatella. Stanford, CA: Stanford University Press, p. 39-54.

Badiou, A. (2009). *Wittgenstein’s Antiphilosophy*, trans. by Bruno Bosteels (2009). London, UK: Verso.

Badiou, A. (2011). *Second Manifesto for Philosophy*, trans. by Louise Burchill (2011). Cambridge, UK: Polity Press.

Badiou, A. & Tarby, F. (2013). *Philosophy and the Event*, trans. by Louise Burchill. Cambridge, UK: Polity Press.

Bakhtin, M.M. (1983). *The Dialogic Imagination: Four Essays*, ed. & trans. by Michael Holquist and Caryl Emerson (1983). Austin, TX: University of Texas Press.

Benjamin, W. & Lacis, A. (2007). “Naples,” in *Reflections: Essay, Aphorisms, Autobiographical Writings*, trans. by Edmund Jephcott, ed. with an introduction by Peter Demetz, preface by Leon Wieseltier, p. 163-173.

Critchley, S. (2013). “When Socrates Met Phaedrus: Eros in Philosophy,” *The Stone, New York Times*, 3 November 2013.

Di Nicola, V. (2011). *Letters to a Young Therapist: Relational Practices for the Coming Community*. New York & Dresden: Atropos Press.

Di Nicola, V. (2012). *Trauma and Event: A Philosophical Archaeology*. Doctoral dissertation, Saas-Fee, Switzerland: European Graduate School.

Di Nicola, V (2017a). “Badiou, the Event, and Psychiatry, Part I: Trauma and Event,” *Blog of the American Philosophical Association*, November 23, 2017. Disponível em: <https://blog.apaonline.org/2017/11/23/badiou-the-event-and-psychiatry-part-1-trauma-and-event/>.

Di Nicola, V (2017b). “Badiou, the Event, and Psychiatry, Part II: Psychiatry of the Event,” *Blog of the American Philosophical Association*, Disponível em: <https://blog.apaonline.org/2017/11/30/badiou-the-event-and-psychiatry-part-2-psychiatry-of-the-event/>

Di Nicola, V. (2018a). “Take your time: Seven pillars of a slow thought manifesto”. *Aeon* (online magazine). Disponível em: <https://aeon.co/essays/take-your-time-the-seven-pillars-of-a-slow-thought-manifesto>

Di Nicola, V. (2018b). “Two trauma communities: A philosophical archaeology of cultural and clinical trauma” (p. 17-52) in *Trauma and Transcendence: Limits of Theory and Prospects in Thinking*, Peter Capretto and Eric Boynton, eds. New York, NY: Fordham University Press.

Fløistad, G. (2020). Citado em: Wikipedia contributors. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Slow_Movement

Flood, A. (2009). Gabriel García Márquez: I’m still writing. *The Guardian* (6 April 2009). Disponível em: <http://www.theguardian.com/books/2009/apr/06/gabriel-garcia-marquez-still-writing?INTCMP=ILCNETTXT3487>

Grant, R. (2014). "Philosophy in our schools a necessity, not a luxury." *The Irish Times*, October 24, 2014. Disponível em: <http://www.irishtimes.com/news/social-affairs/religion-and-beliefs/philosophy-in-our-schools-a-necessity-not-a-luxury-1.1970408>

Gutting, G. (2005). *Foucault: A Very Short Introduction* (2005). Oxford, UK: Oxford University Press.

Honoré, C. (2004). *In Praise of Slow: A Worldwide Movement Is Challenging the Cult of Speed* (2004). Toronto, ON: Vintage Canada.

Huizinga, J. (1955). *Homo Ludens: A Study of the Play Element in Culture* (1955). Boston, MA: Beacon Press.

Kundera, M. (1988). "Sixty-three Words," in *The Art of the Novel*, trans. by Linda Asher (1988). New York, NY: Harper and Row, p. 142.

Levinas, E. (2000). *Entre Nous: On Thinking-of-the-Other*, trans. by Michael B. Smith and Barbara Harshav. New York, NY: Columbia University Press.

Llewelyn, J. (1995). *Emmanuel Levinas: The Genealogy of Ethics* (1995). London, UK: Routledge.

Perin, R. & Sturino, F., eds. (1989). *Arrangiarsi: The Italian Immigration Experience in Canada*. Montreal, QC: Guernica Editions.

Petrini, C. *Slow Food*, trans. by William McCuaig (2004). New York, NY: Columbia University Press.

Postman, N. (1992). *Technopoly: The Surrender of Culture to Technology*. New York, NY: Alfred A. Knopf.

Rorty, R. (1979). *Philosophy and the Mirror of Nature* (1979). Princeton, NJ: Princeton University Press.

Strauss, L. (1952). *Persecution and the Art of Writing*. New York, NY: The Free Press.

Virilio, P. (2006). *Speed and Politics*, New Edition, trans. by Marc Polizzotti. Los Angeles, CA: Semiotext(e).

Winnicott, D.W. (1971). *Playing and Reality*. London, UK: Tavistock Publications.

Wittgenstein, L. (1980a). *Culture and Value*, Introduction by G. Von Wright, and trans. by P. Winch (1980). Oxford, UK: Basil Blackwell.

Wittgenstein, L. (1980b). *Remarks on the Philosophy of Psychology, Vols. 1 and 2* (1980). Oxford, UK: Basil Blackwell.